

# O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DE SEUS PROBLEMAS NO ENSINO MÉDIO.

Israel Vital Viana<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo traz como tema o Ensino de Filosofia a partir de seus problemas no ensino médio, partindo da premissa de que ainda é algo que vem se construindo a cada dia, trata de demonstrar algumas sugestões didáticas e metodológicas que possam favorecer um ensino mais contundente capaz de contribuir para a formação de alunos e alunas que sejam capazes de desenvolver um pensamento autônomo, rompendo com dogmatismos e inferioridade intelectual. Trabalhamos ao longo deste trabalho com temas tais como: Pedagogia do conceito e o ensino de filosofia a partir de seus problemas. Expõem-se que a cada dia surgem novas situações problematizadora. Que por sua vez requerem do aluno habilidades para formular novos conceitos e propor caminhos para os problemas filosóficos que hora se desenvolvem. A marca da leitura filosófica é demonstrada como aspecto forte do ensino de filosofia de modo a possibilitar ao aluno a capacidade autônoma de uma releitura das diversas situações cotidianas discorre-se ainda acerca de ideias voltadas para a questão da avaliação durante as aulas de filosofia.

**Palavras Chave:** Ensino, Filosofia, Problematização, Pedagogia, Ensino Médio.

## INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem como tema o ensino de filosofia a partir de seus problemas no ensino médio, dado que a volta da disciplina no currículo do ensino médio ainda é recente e marcada por uma fase de construção de uma didática de ensino. Ao longo deste trabalho desejamos explorar as ideias já construídas em torno desta temática, neste contexto temos o objetivos de analisar o ensino da filosofia em uma perspectiva de problematização, ou seja, o ensino da filosofia a partir seu seus problemas e buscar estratégias para a construção desta didática.

Segundo Cerletti (2009) a filosofia nasce a partir do momento em que os homens começam a questionar-se acerca do significado de suas vidas, seus valores e seus conceitos. Ela visa, portanto, a busca da verdade e da essência de todas as coisas. Podemos assim inferir que a filosofia nasceu como uma busca pela verdade, buscando ir além das aparências das coisas, logo é possível percebermos que a ela é viva e nos leva a criar novas ideias e conseqüentemente novos problemas.

Segundo, (Aspis e Gallo 2009) o pensamento filosófico não é apenas o exercício do pensamento reflexivo e rigoroso é principalmente criação, assim podemos compreender que a filosofia é um instrumento através do qual dar-se sentido a cultura de um determinado tempo,

---

<sup>11</sup> Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza-Ce, Licenciado em Filosofia pela Faculdade Kurios de Maranguape- Ce. Pós Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica e Licenciado em Pedagogia pela mesma instituição. Bacharelado em Administração Pública pela Unilab.

logo, seu ensino deve ser considerado fundamental para a formação do ser humano. O pensamento autônomo, autoconsciente, abrangente, e profundo é certamente fruto do exercício do pensamento filosófico.

Compreendemos que o ensino de filosofia não está voltado a uma mera reprodução de informações, ou até mesmo ao ato de recontar a história, ainda que esta seja a história da própria filosofia. O filósofo Kant, em citadíssima passagem, afirma que não se pode ensinar filosofia, mas apenas ensinar a filosofar. Segundo, Porta (2014), filosofar é um verbo que indica tanto uma atividade quanto um produto. Aspís e Gallo (2009), coloca que,

Não se pode em absoluto aprender filosofia, por que ela ainda não existe, só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir seus talentos universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando a razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os. (ASPIS e GALLO, 2009. p. 17)

Daí é possível compreendermos que o ato de filosofar não surge do nada, ele surge a partir de tentativas já existentes que a cada dia estão passíveis de serem melhoradas e aperfeiçoadas. Requer a capacidade de uma reflexão sistemática e metódica, elementos que são imprescindíveis, para que de fato haja a atividade filosófica.

Desejamos assim através de uma pesquisa bibliográfica apresentar a ideia de que o ensino de filosofia, no ensino médio, deve pautar-se em uma atividade reflexiva que possa possibilitar ao discente a capacidade de um pensamento autônomo dando-lhes as competências necessárias para compreender a filosofia a partir de seus problemas, de tal modo que sejam capazes de compreender que se não há problemas, tampouco há filosofia. Certamente a lista de problemas filosóficos sempre estará incompleta, submetendo-se assim a uma constante revisão, os problemas filosóficos não estão postos, esperando simplesmente que alguém os tome para si sendo que a sua construção é parte essencial do trabalho filosófico.

## **DESENVOLVIMENTO.**

O ensino médio traz consigo características muito particulares, trata-se de uma etapa fundamental e decisiva na vida futura do discente, dado que, é nesta etapa que o discente irá predefinir ou até mesmo definir o seu futuro profissional, acadêmico entre as outras dimensões que são próprias do ser humano. Conforme bem coloca a lei de diretrizes e bases acerca desta etapa em seu Art 35.

Art. 35º. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades :I - consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II -a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III -o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (LDB,1996)

Inferimos que a filosofia, traz consigo uma tarefa primordial dentro destas características muito próprias do ensino médio. Quando coloca-se e essa ideia de uma autonomia intelectual, estar-se justamente fortalecendo a função da filosofia na formação destes discentes, de modo a nos aproximarmos da expressão do filósofo Emanuel Kant, quando coloca que é necessário acordamos do sono dogmático. Mas em que consistir este despertar? Seria justamente nos retirarmos de um estado que aceita ideias e conceitos sem exame e sem crítica, despertar este que ocorre quando passamos a indagar sobre a validade das coisas e suas pretensões em vista ao conhecimento verdadeiro.

O ensino de filosofia, deve, portanto, provocar nos discentes a construção de novos conceitos bem como a ressignificação de outros já pensados que carecem de uma adaptação a realidade atual. Não se trata assim de uma mera transmissão de informações, certamente que é necessário conhecer o espaço de pensamento, entretanto, é preciso fugir do conforto que conformismo provoca, gerando no discente certo estado de passividade diante das situações que o seu cotidiano lhe coloca.

A filosofia, traz como marca a problematização e a construção de novos conceitos. Segundo Aspís e Gallo (2009), a filosofia bebe nas artes e ciências para produzir conceitos e pode produzir conceitos para elas, no entanto a produção de conceitos é uma atividade filosófica de tal modo que os conceitos são sempre objetos da filosofia. Acerca desta ideia de conceito é necessário que a compreendamos em uma perspectiva filosófica, coloca-nos Aspís e Gallo (2009).

Tomando como premissa que o conceito é fruto da filosofia, ele é apresentado como uma forma de exprimir o mundo, o acontecimento. O próprio conceito se faz acontecimento, ao dar destaque, relevância para um determinado aspecto do real. O conceito aparece então como uma forma própria da filosofia de construir compreensões para o real, diferentemente da ciência, que busca encontrar neste mesmo real as funções que permitam compreendê-lo (...) os conceitos são criados a partir dos problemas, colocados sobre o plano de imanência. (ASPIS e GALLO 2009.p. 39)

Entendemos, assim o nascimento dos conceitos está ligado ao tempo em que se vive, as leituras que fazemos da realidade, nossas afinidades e desavenças é justamente neste campo que nascem os problemas e estes problemas são os elementos que movem a produção conceitual. Certamente que podemos tomar os conceitos pensados anteriormente, para tanto precisamos fazer o que Cerletti (2009), desterritorialização de uma realidade para fazermos sua reterritorialização em uma outra realidade. Não se trata de “roubar” uma ideia mas recria-la em um outro contexto.

Ao longo das aulas de filosofia é comum a alguns docentes uma metodologia que visa apenas promoção de debates e discussões, partindo do princípio de que por si só esta metodologia faz com que a aula seja filosófica. Até incorrem no risco de colocarem que pensamentos “soltos” por si podem constitui-se como pensamento filosófico de modo que a filosofia passa assim a ser entendida como um espaço onde reina o capricho, de modo que cada um pode dizer o que bem entender é isto ser considerado um pensamento filosófico. O que gera certo caos, haja vista, que se assim pensamos a construção de conceitos oriundos de problemas perde-se em meio a um raciocínio errôneo que põe um pensamento criado sem nenhum princípio lógico como sendo uma criação filosófica. É preciso portanto, que as aulas de filosofia possam gerar rupturas com esta metodologia, certamente que ela possui seu valor, todavia é necessário que seja pensada com certo rigor filosófico. Neste raciocínio coloca-nos Porta (2014).

A filosofia não é um caos do ponto de vista incomensuráveis, nem consiste simplesmente em possuir certezas, trata-se de ter opiniões sobre certos temas bem definidos e sustenta-los em algo diferente de uma convicção pessoal, mais ainda o núcleo essencial da filosofia não é construído de crenças tematicamente definidas e racionalmente fundadas, senão de problemas e soluções. (PORTA, 2014.p.27)

Hora, nenhuma reflexão é, por si só filosófica, e portanto, não seria apenas pelo fato de exercitar a reflexão em sala de aula que estaríamos produzindo uma aula de filosofia, há certamente outros elementos que por sua vez são necessários para que tenhamos uma aula que possa de fato ser provocativa no sentido de ser problematizadora e geradora de novos conceitos.

Diante do que aqui temos apontado, há uma metodologia de ensino a qual apresentamos como sendo um possível caminho entre tantos outros que são possíveis para o ensino de filosofia, que é exatamente a pedagogia do conceito. Há segundo, Aspis e Gallo (2009), a necessidade de uma ruptura entre duas dicotomias que é o professor de filosofia e o filósofo,

sendo que o último surge como um pensador, um produtor de conceitos enquanto que ao primeiro caberia apenas a tarefa de transmitir reproduzir. Poderíamos, assim deduzir que o filósofo seria criativo enquanto que ao professor vem como um repetidor de conceitos.

Assim a pedagogia do conceito, surge como um método provocativo no sentido de gerar um pensamento cada vez mais responsável e autônomo no decorrer no da ação pedagógica envolta em cada aula.

O desafio da pedagogia do conceito, trata de revitalizar a filosofia, de toma-la como empreendimento vivo e dinâmico, sempre criada e recriada essa postura nos leva para longe da filosofia como uma enciclopédia, acessível apenas aos iniciado, e também para longe da filosofia como item de mercado, pretensamente acessível a todos, ao menos como pastiche, ninguém melhor que o próprio professor de filosofia para torna-se filósofo de modo que o filósofo e o professor tornam-se a mesma pessoa. (ASPIS E GALLO 2009. p. 65)

Esta proposta de ensino através da pedagogia do conceito, como já nos referíamos anteriormente é pautada ainda na problematização, que é justamente de onde nasce o conceito, durante as aulas de filosofia, através desta proposta metodológica o aluno passa a ser autor de seu próprio pensamento, certamente que fará ressignificações, o que é necessário, todavia, fará ainda uma análise que irá transcender a superficialidade que até então está habituado. É importante pensarmos desde cedo que o que irá trazer o interesse dos alunos para as aulas é justamente a capacidade de aproximação entre as questões a serem tratadas com as variadas realidades cotidianas.

É necessário inserir temas filosóficos durante as aulas que permitam ao discente perceber a filosofia em seu cotidiano. Métodos possíveis, são por exemplo, o uso de filmes, músicas, poesias e outros elementos que apriori não tenham um conteúdo filosófico, mas que podem contribuir para elaboração dos conceitos. Não é preciso que se exija do discente qualquer rigor, neste momento o objetivo é apenas que se envolvam com as questões levantadas e tenham curiosidade em investiga-las. Aspís e Gallo (2009), propõem o uso destas estratégias de ensino.

Todo o processo seria assim, em primeiro lugar criamos a situação de aproximação dos problemas filosóficos a serem estudados com universo dos alunos através de recursos imagéticos, musicais e textuais diversos, chamamos esta fase de sensibilização; depois partimos para a elaboração desses problemas, fase que chamamos de problematização que se dar pela provocação das questões, componentes dos problemas, que serão tratados filosoficamente no curso; depois o estudo propriamente dito, através da leitura de textos filosóficos seguindo da formulação de conceitos. (ASPIS e GALLO 2009.p.81)

Uma vez sendo capazes de seguir este procedimento metodológico estaremos nos lançando no ensino de filosofia como uma experiência filosófica, de modo que a nossa ideia é a criação de conceitos, o que pensamos ser bastante útil para a construção de uma didática filosófica. O que irá possibilitar aos discentes a saída de uma menoridade intelectual, é preciso que não se imponha aos discentes uma inferioridade com relação ao saber de forma que não se sintam inferiores quanto a capacidade de criar conhecimentos, conseqüentemente conceitos.

O ensino da filosofia tem a tarefa de possibilitar o encontro com a essência, a estrutura e o sentido de todas as coisas. O questionar dar lugar, ao achismo, tão enraizado em nosso cotidiano. Sendo que é pelo questionamento que criamos o mundo e, na ausência destes verdade viram dogmas e homens viram robôs. Segundo Campos (2008), ensinar a pensar é também ensinar a fazer perguntas a pedagogia do conceito quer ser uma pedagogia emancipadora.

De fato, ao observamos um pouco da educação tradicional, percebemos que a reprodução do conhecimento sobrepõe a sua produção, provavelmente nossos discentes não estão habituados à pesquisa, as buscas, dúvidas e etc. Parece-nos que estão mais habituados ao conhecimento pronto e supostamente acabado. É possível que tenhamos a necessidade de retornar a fase dos três anos, quando temos um certo amor pelo “por quê? Muitos de nossos discentes não conseguem sequer fazer perguntas, não conseguem direcionar suas preocupações, o pensamento de Porta (2014), reforça com propriedade o que temos até aqui percorrido.

O não atentar aos problemas degrada o ensino ou o estudo filosófico, a um contar ou escutar histórias. Tal tendência é tão forte que se assemelha a um vírus contra o qual parece não existir campanha preventiva eficaz. (...) a filosofia não pode (mais precisamente não deve) ser contada, ensinar filosofia não é contar história é problematizar, é gerar um experiência filosófica que gere novos conceitos (PORTA, 2014. 31)

Acerca desta ideia de problema filosófico que por sua vez irá dar base ao conceito filosófico propriamente dito é necessário que esclareçamos o que é um problema filosófico em si, quais seus precedentes e características, dado que o problema ora falado tem características bem próprias que o diferem da ideia usual que temos desta questão.

Por consequência o critério mínimo para decidir se estamos ou não diante de um problema é a possibilidade de formulá-lo como uma pergunta gramaticalmente completa, isto não quer dizer que toda pergunta é uma pergunta filosófica; fixa o problema enquanto tal (sem degradá-lo a um novo saber); fixa o problema

suficientemente; e que nem sequer basta prestar atenção à pergunta que um autor explicitamente se faz em um texto para entender seu problema. (PORTA, 2014. p. 33)

Esta metodologia de estudo é uma didática da filosofia voltada para o problema, dado que temos aqui apresentado duas metodologias distintas, mas que se completam a primeira que é a pedagogia do conceito e a segunda a do problema, o fato é que a segunda completa a primeira proporcionando um fazer pedagógico bem mais eficaz. De fato, segundo Campos (2009), a tarefa da filosofia não é responder perguntas, mas sim dissolve-las evidenciado assim que elas em última instância carecem de sentido.

A filosofia exerce nos discentes um papel de esclarecimento, que o faz perceber a realidade a partir de uma ótica mais profunda, de modo que o que irá diferencia-lo dos demais não é o fato de que ele pensa mais coisas ou menos coisas, mas sim que ele simplesmente pensa de um modo mais claro. Essa clareza por sua vez Segundo Cerletti (2009), não é um dom dos deuses é o resultado de um constante processo de problematização e conceituação o que faz o pensamento ser claro e objetivo, assim pensar racionalmente é em boa medida, consiste justamente em e separar, distinguir e diferenciar o que possibilitara alcançar o esclarecimento que é um ponto desejável o qual o discente deve chegar.

Dentro desta construção metodológica, um outro aspecto que nos parece pertinente é a leitura em si, uma leitura filosófica. Segundo Aspis e Gallo (2009), não é adequado que o professor de filosofia atenha-se a trabalhar em sala textos que já são comentários acerca das obras dos pensadores, o que tenderia a um reducionismo, estaria o aluno preso a um olhar de quem fez aquele determinado comentário. Pensamos que uma postura plausível será possibilitar ao aluno ter contato com textos a partir de sua escolha, que possuam certo vínculo com a realidade do aluno, por exemplo, a obra o Banquete, de Platão, que trata da questão do amor, tema bastante atual que faz parte do cotidiano. Certamente que o professor como mediador do conhecimento deverá despertar nos discentes esta motivação para a leitura.

A leitura filosófica não é um forma de adquirir conhecimento como fazemos ao estudar outros assuntos. A leitura filosófica é uma forma de produzir conhecimento, conhecimento filosófico, já que reativa a filosofia, a torna matéria de criação. [...] o texto filosófico requer que dialoguemos com ele ao lei filosoficamente um texto somos obrigados a traduzi-lo, passamos a ser autores, também, da nossa compreensão da coisa (ASPIS E GALLO 2009. p.96)

Daí percebemos que a leitura filosófica, traz como resultado a dúvida, quando nos questiona de nossa própria capacidade de entender de entender os que lemos, e nos leva a resignificar nosso conhecimento. Aos poucos vamos conseguindo entrar no texto, nos apropriarmos do conhecimento que ele irá gerar em nós, dos problemas que ele irá despertar. A leitura nos faz assumir a condição de exploradores e redeseñadores daquele texto nos conduzindo aos nossos próprios ensaios filosóficos.

O ensino de filosofia, aos moldes do que aqui propomos, configura-se com uma experiência filosófica, onde nos debruçamos a partir dos problemas filosóficos que surgem ao longo do caminho, que por sua vez nos levam a reflexão crítica a uma almejada autonomia do pensamento.

Diante do exposto e diante do ensino filosófico é necessário pensar em como avaliar este ensino. Segundo Aspis e Gallo (2009), avaliar é uma característica própria do ser humano, o próprio processo de criar filosofia é em si auto avaliativo. O processo avaliativo em si colabora para o desenvolvimento de nossos mecanismos metacognitivos que são justamente os que aliam segundo Bustamante (2009) o ato de aprender com a consciência, ou seja, como se aprendeu e como se pensou.

Vários são os métodos para o exercício do ato avaliativo, seminários, avaliação oral, avaliação descritiva, avaliação objetiva enfim um leque bem amplo. Avaliação que ocorre de forma processual, não apenas em um momento único que possibilita uma retomada daquelas ideias que ainda precisam ser recriadas de acordo com cada contexto, com cada situação.

## **CONCLUSÃO.**

A construção de uma proposta didática para o ensino de filosofia no ensino médio, conforme temos percorrido até aqui não limitam-se apenas a um método, contrário a isto é possível percebermos a existência de mais de um método. A filosofia, portanto, surge como um instrumento que possibilita o alvorecer do esclarecimento, perante uma realidade educacional em que nos habituamos a absorver ideias prontas e acabadas nos deparamos com a possibilidade de a partir das aulas de filosofia quando adequadamente utilizadas assumem a condição de emancipação.

De tal modo que uma pedagogia do conceito, a ideia de problematização, a leitura filosófica entre outros pontos aqui percorridos assumem uma construção didática que surge como proposta para a melhoria das aulas de filosofia no ensino médio em vista da construção



de uma autonomia da razão, assumindo assim uma postura de provocação e inquietação perante a realidade a qual o aluno está inserido.

A dúvida, portanto, elemento fundante da filosofia impulsiona aos discentes a mergulharem nas situações mais complexas que o dia a dia lhes impõe. O ensino da filosofia enquanto exercício da razão esclarecedora faz com que o aluno possa romper com as superficialidades de seu cotidiano e possa abstrair elementos de sua realidade que até então lhe eram obscuros.

Inferimos assim que a partir da problematização e geração de novos conceitos o aluno passara de uma situação de agente passivo, para agente ativo que se empodera da capacidade de questionar sua realidade transcendendo o conformismo e passando a ser agente transformador de sua realidade.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ASPIS, Renata Lima GALLO, Sílvia. *Ensinar Filosofia: Um livro para professores*. São Paulo. Atta Mídia e Educação, 2009.

BUSTAMANTE, Ani. *Filosofando na Escola: Como Transformar o potencial crítico dos alunos em Pensamento Filosófico*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

CAMPOS, Pedro Ortega. *Educar perguntando: ajuda filosófica na escola e na vida*. São Paulo, Paulinas, 2008.

CERLELETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Belo Horizonte, Autentica Editora, 2009.

PORTA, Mario Ariel González. *A Filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico*. 4º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.